

## **Tema III AVALIAÇÃO**

**Maria Teresa Marques Amaral**

### **Subtema: Fundamentos**

#### **Introdução**

O tema avaliação é historicamente um dos grandes desafios para a educação em geral. Quando estamos abordando a educação a distância, o tema torna-se denso na busca novas rupturas, novas formas, novas práticas, com o objetivo de pelo menos não cometer os mesmos erros.

A complexidade da avaliação passa pela cultura sedimentada da mensuração e abrange um leque de possibilidades que vai do aspecto mercadológico empresarial ao aspecto pedagógico da aprendizagem, da avaliação de procedimentos e competências à avaliação da aprendizagem. É bom que seja assim, mesmo reconhecendo as dificuldades. Ninguém deve recusar processos avaliativos desde que estejam conduzindo ao desenvolvimento e não sejam apenas processos de controle.

Reconstruindo os processos escolares é possível perceber claramente as duas posturas avaliativas que já se tornaram clássicas em qualquer texto sobre avaliação. Correspondem a duas visões de educação que percebem a avaliação de forma diferenciada com concepções e objetivos distintos e que devem corresponder a uma coerência de princípios: a educação tradicional e a educação crítico-transformadora. Cada uma delas pode ser identificada por posicionamentos muito explícitos.

<b>AVALIAÇÃO</b>	<b>AVALIAÇÃO</b>
<b>VISÃO TRADICIONAL</b>	<b>VISÃO TRANSFORMADORA</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Ação individual e competitiva</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Ação coletiva e consensual</li></ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceção classificatória</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceção investigativa e reflexiva</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta um fim em si mesma</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atua como mecanismo de diagnóstico da situação</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Postura disciplinadora e diretiva do professor</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Postura cooperativa entre professor e aluno</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Privilégio à memorização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Privilégio à compreensão</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pressupõe a dependência do aluno.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Incentiva a conquista da autonomia do aluno.</li> </ul>

Examinado o quadro é fácil entender que todos os educadores sejam favoráveis a postura crítico-transformadora em uma linha mais progressista, porém é igualmente compreensível as dificuldades práticas da visão crítica progressista, não só pelo enraizamento da cultura de mensuração e controle como pela prática cotidiana de avaliar desempenhos escolares. O controle é inerente a qualquer processo avaliativo que suscite a tomada de decisões sobre a vida de um indivíduo. Ao corpo docente de uma escola são conferidas decisões referentes aos alunos, decisão de promoção, de certificação pelo sistema educacional e isto requer posicionamento claro e correto. O que precisa ser questionado, entretanto, é o conjunto de princípios e valores morais, sociais, educacionais, que fundamentam e orientam tais decisões. Essas decisões são inerentes ao compromisso profissional de um educador. Caberia a perguntar se avaliação é sinônimo de controle? Sim, não resta a menor dúvida. Dizer que a prática avaliativa em nossas escolas não é de controle institucional, social, público, é não percebê-la em sua plenitude. Controla-se, via avaliação educacional, a qualidade da ação da sociedade, do poder público, da escola, do professor, do aluno, dos pais.

O que se pode colocar em questão, não é a natureza deste controle, pois todo juízo de valor entre humanos pressupõe a reciprocidade. O que se deve questionar é o benefício ou o prejuízo social que se pode acarretar a partir dos princípios ético-políticos que lhe dão sustentação. O processo de formação é um processo onde estão em jogo valores éticos e julgamento moral, juízos de valor. O processo de ensinar e de aprender tendo suas próprias dimensões, pressupõe o olhar do outro. A questão maior é perceber que o contexto de aprendizagem explicita a intencionalidade do ato do educador.

Portanto os alicerces da avaliação são os valores construídos por uma escola onde cabe perguntar:

- Que educação pretendemos?
- Que sujeito pretendemos formar?
- O que significa aprender, nesse tempo, nessa escola, para os alunos que acolhemos, para o grupo de docentes que a constitui?
- Qual a natureza ético-política de nossas decisões?

O que necessariamente gera outras interrogações: que métodos são utilizados para dar forma aos objetivos e conteúdos? Como eles são ensinados? Que metodologias os professores conhecem e que melhor se adaptam aos seus propósitos?



## FORMAS DA AVALIAÇÃO

Em toda a literatura de uma forma ou de outra a classificação proposta por Bloom (1993) ainda identifica os tipos de avaliação como sendo a diagnóstica, a formativa e a somativa. Dentro do campo educacional, a avaliação assume diferentes papéis. A classificação definida por Bloom e seus colaboradores, apresenta a avaliação como sendo:

- **FORMATIVA:** ocorre durante o processo de instrução; inclui todos os conteúdos importantes de uma etapa da instrução; fornece *feedback* ao aluno do que aprendeu e do que precisa aprender; fornece *feedback* ao professor, identificando as falhas dos alunos e quais os aspectos da instrução que devem ser modificados; busca o atendimento às diferenças individuais dos alunos e a prescrição de medidas alternativas de recuperação das falhas de aprendizagem.
- **SOMATIVA:** ocorre ao final da instrução com a finalidade de verificar o que o aluno efetivamente aprendeu; inclui conteúdos mais relevantes e os objetivos mais amplos do período de instrução; visa à atribuição de notas; fornece *feedback* ao aluno (informa-o quanto ao nível de aprendizagem alcançado), se este for o objetivo central da avaliação formativa; presta-se à comparação de resultados obtidos com diferentes alunos, métodos e materiais de ensino.
- **DIAGNÓSTICA:** ocorre em dois momentos diferentes: antes e durante o processo de instrução; no primeiro momento, tem por funções: verificar se o aluno possui determinadas habilidades básicas, determinar que objetivos de um curso já foram dominados pelo aluno, agrupar alunos conforme suas características, encaminhar alunos a estratégias e programas alternativos de ensino; no segundo momento, buscar a identificação das causas não pedagógicas dos repetidos fracassos de aprendizagem,

promovendo, inclusive quando necessário, o encaminhamento do aluno a outros especialistas (psicólogos, orientadores educacionais, entre outros).

Apesar da classificação acima gerar certa segurança ainda assim nos interrogamos sobre o ato de avaliar, neste sentido o texto de Cipriano Luckesi(2000) é bastante esclarecedor quando aponta que *"o ato de avaliar implica dois processos articulados e indissociáveis: diagnosticar e decidir. Não é possível uma decisão sem um diagnóstico, e um diagnóstico sem uma decisão é um processo abortado."* Esse mesmo autor afirma que *"quando atuamos junto a pessoas, a qualificação e a decisão necessitam ser dialogadas. O ato de avaliar não é um ato impositivo, mas sim um ato dialógico, amoroso e construtivo. Desse modo, a avaliação é uma auxiliar de uma vida melhor, mais rica e mais plena, em qualquer de seus setores, desde que constata, qualifica e orienta possibilidades novas e, certamente, mais adequadas, porque assentadas nos dados do presente."*

Luckesi, Cipriano Carlos O QUE É MESMO O ATO DE AVALIAR A APRENDIZAGEM? Pátio. Porto alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev./abr. 2000.